

ECONOMIA POLITICA



DISSERTAÇÃO



... wath is saved by dividing
labour is last by exporting necessaries.
A gold currency is one of the great est
antagonists to. the division of labour.
(T. R. Edmonds.)

QUAL HE O MELHOR INTERMEDIO DAS PERMUTAÇÕES,
AS MOEDAS METALICAS, OU PAPEL-MOEDA?

Notavel he o interesse que hoje excitam as discussões economicas. Abrangendo em seu seio algumas d'entre as mais importantes questões sociaes, a sciencia da riqueza tem attractivos seus, que universalmente recomendam seu estudo; captivam a attenção geral, e premeiam bem empregados esforços. He considerando a sociedade pela face de sua actividade material, que ella a estuda, e analisa; he sobre a idea do util que faz concentrar todas as suas meditações e trabalhos analyticos; não importa,—a actividade material e moral do homem tem connexões tão intimas

e tão reciprocas influencias, tão ligada está a ideia de utilidade com quantas outras dominam a intelligencia humana, tão poderosa he a preponderancia da prosperidade material dos povos sobre os progressos de sua intelligencia, e sobre seu aperfeiçoamento moral, que não debalde repousam as nações boa parte de seus destinos, e de suas esperanças nos porfiados, difficeis trabalhos da economia social; e a economia social tem em grande parte correspondido a confiança tamanha.

Entre as ponderosas questões, a que a sciencia se entrega para explicar a face da sociedade que lhe attrahe mais sollicitos desvelos, avulta esse phenomeno da permutação, o mais vasto, depois da producção, que a economia social comprehende e desenvolve. Esse phenomeno, a principio o indicio mais leve da affinidade humana, convertido com o correr dos tempos em o vinculo mais solido e possante das associações politicas, tem, como todos os outros factos, leis invariaveis, que á sua apparição e a seu desenvolvimento presidem, que cumpre conhecer e reflectidamente applicar.

De longa exposição porém prescindiremos, que o tempo não permite episodios, nem para explanação do problema em que havemos posto peito se ha de mister largo desenvolvimento da theoria da permutação. Bastará que reconheçamos hum principio, e nos persuadamos de que urge que as transacções humanas tenham hum intermedio constante que facilite a verificação das permutações quotidianas.

As forças humanas consideradas dentro da actividade individual tem muito diminuto elasterio; homem nenhum ha que, restringindo-se ao simples exercicio das faculdades proprias, produza quanto necessita para sua subsistencia, e satisfacção de seus desejos.

Isto que he real em respeito a hum homem, o he tambem em respeito a outro; o genero humano está em cada hum de seus membros sujeito a esta, não direi infeliz, antes ditosa condição. Não, que as facultades humanas sejam insufficientes para a producção que demandam suas precisões, pois a commum experiencia demonstra que o homem em qualquer genero mais produz do que consome; he sim que suas potencias activas não são susceptiveis dessa capacidade variada, dessas continuas distraçções, e multiplicados empregos, que a ficar reduzido a seus unicos recursos, a commoda conservação do seu ser irremediavelmente tornaria precisos.

Hum instincto irreflectido aconselhou a divisão do trabalho, e a divisão do trabalho trouxe apoz si a exuberancia da producção. Mas a producção estava disseminada, cada genero pelo seu productor, e nesse aggregado exclusivo de productos da mesma natureza accumulados em cada mão por cada especie, longe estavam as necessidades de serem satisfeitas. Nestas circumstancias, a permutação approximou os meios ás necessidades, repartio a producção exuberante pelos necessitados, e conseguiu dest'arte, á força da geral commuidade do trabalho, dissipar os graves inconvenientes da individualidade.

Para dissipa-los porém inteiramente isso ainda não bastou,—que nem sempre a producção exuberante de hum era offerecida a quem desse genero carecia. Além de que a producção em geral não encerra constantemente seu attributo de summa divisibilidade, tão necessario á verificação das permutações, attributo que faz com que a cada parte da producção de um haja equivalente valor na producção de outro. Eu que produzo chapéos (para servir-me do exemplo de J. B. Say) ao carecer de um lenço que valerá a

quarta parte do chapéo, não cortarei sem duvida hum quinto do meu producto para haver isso do que necessito; nem tão pouco trocarei o chapéo por esse lenço porque privar-me-hia dos outros objectos, a que me dá direito o valor excedente da minha industria. He mister portanto crear huma tal entidade valiosa que quatro forçosos caracteres reuna, que por isso se torne valor e necessidade commum que entremeiando-se em todas as transacções facilite a troca entre quaesquer productores, embora não necessitados do producto alheio. Esses caracteres, que devem distinguir o verificador intermediario, são—1.º —valor constante que se não gaste nem seja arbitrario —2.º —divisibilidade e fraccionabilidade quasi indefinida, sem que por isso se altere o valor —3.º —commodidade na recepção e na conservação.—4.º —capacidade de conter em pequeno volume grande porção de valores. (1) Dadas estas qualidades tem-se constituido hum intermediario para as permutações, e desse modo alterado toda a primitiva industria humana.

Então a troca perde sua natureza primitiva e converte-se em contractos de venda e compra realizados pelo intermedio, o qual verifica a venda mesmo quando ha necessidade de objecto que o comprador não possui, certo de que a sua acção irá descobrir, onde quer que seja, a satisfacção das necessidades de seu actual possuidor. E este segundo factu contribuiu, na opinião de Edmonds, para maior latitude da primeira divisão do trabalho.

A necessidade de hum intermedio he pois inquestionavel; todos compram, todos d'elle necessitam: o papel importante que representa esse principal

(1) M' Culloch—Principles of Political Economy pag. 130.

agente das transacções não póde deixar de ser reconhecido, pois que a extensão vastissima das relações commerciaes do mundo actual he a elle principalmente devida. Mas esse agente intermediario nem sempre tem sido o mesmo; (2) as idades da civilisação o tem ido progressivamente alterando, e modificando, e depois de muitos meios terem sido recebidos e despresados, depois de muitas materias haverem sido neste mister empregadas, e repellidas, hoje todos os votos se dividem entre a moeda metalica e a moeda de papel. Decidir esse difficil processo he o que a mim me incumbe, e a tarefa a cujo desempenho me proponho. Não phantasiarei systemas; só depois de aturadas reflexões alguma preferencia saberei dar aos dous formosos pleiteantes; e já que he indispensavel approvar e reprovar, examina-los-hei, e ouvirei as razões que cada qual em seu abono representa.

ARTIGO I.

NATUREZA, EFEITOS, E VANTAGENS DAS MOEDAS METALICAS

Para o fabrico das moedas tem sido os metaes preciosos de preferencia escolhidos; e para essa escolha tem contribuido as vantagens que essas, e não outras materias primas offerecem. O valor consideravel que o ouro e a prata encerram em diminutas porções, a pouca variedade no valor desses metaes, que como mercadorias tem soffrido progressiva, mas não disparatada alteração, (3) a facilidade que apresentam de serem divisiveis té os ultimos grãos na escala dos valores, a consistencia e solidez emfim de

(2) J. B. Say Cours Prat. vol. 2 c. 7—M' Culloch id. pag. 130.

(3) Vejam-se os calculos de Hume e de Sax sobre a comparação do valor dos metaes antigos com os modernos.

sua formação que poucos estragos facilita,—tães são os grandes motivos que occasionaram a preferencia justamente dada a estes sobre todos os outros metaes, e até sobre todos os mais productos, quer da natureza, quer da industria. O ouro e a prata, diz o celebre Turgot, não foram adoptados universalmente como moedas em consequencia de convenção arbitraria de homens ou de influencia legal, foram-no sim pela indole e força das cousas.

O systema monetario por tanto assim constituido, diversas e importantes vantagens apresenta, vantagens que forçosamente provém da indole dos productos empregados na factura das moedas. Corramos pois os olhos por essas vantagens, que sem conhecê-las não poderemos ajuizar da pretendida preferencia; o mesmo faremos daqui a pouco relativamente ao papel moeda.

As moedas em razão do valor intrinseco que dentro em si comprehendem, dão garantia efficaz a quem as possui da segurança do proprio trabalho, que nellas como que está resumido e expressado; esta segurança, a alma do commercio e da industria, produz resultados immensos de que o paiz aproveita, e da qual a actividade industrial tira util partido: e ainda que, como teremos occasião de ver, o papel moeda possa gozar de garantias, não he justo que ás moedas se roube este importante corolario de sua existencia como intermedio de permutação. Verdade seja que o valor das moedas baixa ou sobe segundo as leis geraes que presidem á fixação dos valores, que segundo as relações entre a demanda e o offercimento (relações aliás determinadas pelo estado da produção e numero de permutações em hum paiz dado) mais ou menos augmenta ou diminue a quantidade das cousas que se dão em troca da moeda;

mas ainda assim um termo existe abaixo do qual não pôde a moeda descer, que se acha marcado pelo valor das barras do metal, e todos sabem que se alguma cousa ha que tenha soffrido pouca variação he o valor do ouro e da prata em barra, pois que o descobrimento d'America, e das ricas minas do Perú, do Mexico e do Brasil, cobrindo a Europa de ouro e de prata, apenas fez diminuir, segundo o calculo de Hume, tres ou quatro vezes o valor que tinham no mundo antigo, ou seis vezes conforme os amplos racionios de J. B. Say, feitos em razão do diverso preço do trigo, unico objecto que em sua opinião pode servir de unidade, e medida commum de valores.

Além disso as moedas de ouro e de prata podem não estar sujeitas a vicissitudes e consideraveis fluctuações de alta ou baixa, se geralmente for adoptado esse methodo proposto pelos economistas, que em si he o mais salutar correctivo que se pode dar ao agio ou á depreciação. Consiste elle em franquear os cunhos nacionaes a todos quantos queiram reduzir barras a moeda; o interesse particular, que tantas cousas encaminha e dirige bem, attento ás variações do thermometro monetario sustentará assim constantemente o termo medio nas relações de valor entre as barras e a moeda, e obterá esse resultado de vantagem publica mesmo quando outro almejasse de proveito particular, pois sabido he que a concurrencia dos diversos interesses he o mais seguro correctivo que cada hum delles em seus desvarios encontra. Logo pois que o valor das moedas suba, signal infallivel de escassez nos meios de permutação (sobre tudo na hypothese de não haverem muitas especies de meio circulante) o possuidor de barras as levará ás casas de moeda com o intuito de ganhar esse excedente de valor que o numerario affecta sobre os metaes; bem depressa porém esse concurso de inte-

resses dará á circulação essa porção de moeda, de cuja falta se resentia, e os valores tornarão ao seu estado normal. O mesmo succede no caso opposto, quando por muita abundancia de meio circulante as moedas baixarem, e os metaes tiverem mais subido preço: nesse caso fundir-se-hão as moedas em razão dos lucros que promette esta operação, e apenas saia da circulação a exuberancia que as depreciára, subirão ellas ao valor que lhes compete, isto he, hum pouco acima do valor das barras. Tal he a mais forte vantagem que a emissão de moeda metálica offerece.

Outra circumstancia parece depor em abono das moedas metálicas,—he a difficuldade da sua falsificação. Não demos muito pezo a essa ampla falsificação que se observa em nossa moeda; errado e vicioso foi, como todos o sabemos, o modo de sua emissão, e o systema que adoptamos por si mesmo favorece e facilita a grande depreciação que ha soffrido o nosso meio circulante metálico.

Esse erro porém não é geral; antes as moedas emitidas por nações illustradas tem-se geralmente aproximado a hum valor tal, que do fabrico particular não resulta consideravel proveito; e em quanto as tentativas de falsificações, o cunho geralmente conhecido, o pezo, e huma invariavel semelhança da fórma e typo, saberão pela maior parte prevenil-as quasi inteiramente.

Observaremos ainda mais que na emissão de metaes amoedados não podem os governos dar ouvidos ás insinuações do capricho, nem satisfazer os desejos de prodiga sumptuosidade. Sem valores reaes e existentes não se cunham moedas (no sentido proprio do termo) e se algumas nações se tem achado em apertadissimas crises financeiras pela depreciação

de notas, creditos, ou quaesquer papeis fiduciarios, não nos consta que jamais houvesse difficuldade importante pela depreciação dos metaes preciosos. Podem descer, por abundantes, do antigo valor, mas encontrarão sempre na baixa um limite que he o valor do metal em barra. Além disso, como já enunciamos, o ouro e a prata não são o melhor expediente para quem tem necessidade urgente; se são cunhados com o devido pezo e quilate fraco remedio serão para arduas conjuncturas; se houver fraude, a moeda nova irá descendo rapidamente, e os governos temerão, porque uma fraude no cunho assusta mais do que a mais vasta emissão de creditos. Vantajoso he além disso ás moedas o não soffrerem grande prejuizo no valor pela excessiva quantidade que della haja, por quanto, como diz Ricardo, nunca he possivel que a moeda regorgite á vista da natural faculdade que ha de fundil-as quando esteja imminente a sua depreciação.

Accresce que além de serem iguaes os metaes preciosos, quando puros, embora tirados da Asia ou da America, o ouro e a prata tem tambem a faculdade de girar por todo o globo; e o intermediario suppõe-se deve ser tal que em todos os sitios e lugares possa verificar as permutações necessarias: he mais uma razão que parece coadjuvar os motivos de preferencia a que aspiram as moedas metalicas. O antiquissimo uso do meio circulante metalico he tambem um argumento de que seus panegyristas se não esquecem.

Taes são em geral os predicados felizes que acompanham a moeda; hum inconveniente da mais alta transcendencia porem he inherente á sua natureza, e esse inconveniente he tal que obriga a deslembra-
tantas vantagens, a ir buscar outro meio de permuta-

tações que, posto susceptível de errada e triste direcção, evita-o todavia, e a pedir emfim encarecidamente á sciencia maneiras efficazes de garantir seus beneficios sem expôr á sociedade os males, muitas vezes insanaveis, que sua apparição costuma frequentemente produzir, desenvolver, e quasi infinitamente propagar. Este meio tão rodeado de esperanças e de sustos, tão fecundo em promessas, e ameaças— he o papel-moeda; vamos d'elle agora exclusivamente occupar-nos.

ARTIGO II.

DO PAPEL - MOEDA

Designam-se vulgarmente com este nome as promessas escriptas, pelas quaes o governo se obriga a pagar huma certa porção de valores. Estes creditos derramados pela população circulam por ella, fazendo as vezes de intermedio das permutações e pódem optimamente desempenhar os fins de sua missão.

Oriundo do mesmo principio que fez desde largos annos gyrarem as letras de cambio, Mill entende que o papel-moeda he a ultima expressão dessa supposta invenção dos mercadores judeos, que tão sabiamente illudio o vexatorio direito europeu da meia idade que vedava a exportação dos metaes preciosos. Na verdade as letras suppõe bancos, que foram alem disso descobrimentos quasi contemporaneos, e os bancos, como todos nós sabemos, muito tempo por meio de suas notas satisfizeram as necessidades, que depois por si positivamente reclamaram a emissão de papel-moeda.

Mas a verdadeira origem do papel-moeda no parecer de M'Culloch que sinceramente abraço, foi a necessidade que tiveram alguns governos de augmentar o meio circulante social quando se acharam sem faculdades ou mesmo desejos de gastar enormes quantias para obterem o ouro e a prata necessaria.

He mister com effeito não ter reflexão alguma para que qualquer deixe de comprehender quão oneroso deve ser aos povos o numerario sufficiente, cunhado todo em ouro e prata. Sabemos já que o valor das moedas he proporcional ao das barras dos respectivos metaes, comprehendemos tambem que porção de numerario pouco mais ou menos necessita hum grande povo para suas quotidianas transacções; —façamos agora ideia da somma prodigiosa de milhões que cada paiz inutilisa empregando-os sómente como intermedio esteril das permutações sociaes.

Todavia qualquer povo seria imprudente, diz Sismondi, se por huma tal economia compromettesse o que mais lhe importa.—Não he economia, responderei ao economista italiano, he a necessidade que sentem as sociedades actuaes de converter em uteis capitaes esse luxo sumptuoso que orna o meio permutatorio, e que o torna huma impertinente e nitida inutilidade. E se se falla em economia como que por chasco, bom será observar a que somma deitam taes economias e se alguma vantagem póde dar-se ás nações que pretendam hoje effectuar essa reprovada troca dos metaes preciosos amoedados por papel-moeda.

Em quanto avulta o numerario que verifica as permutações na França? Segundo as observações de Necker e Say, podemos orçal-o em dous *milliards* de francos, isto he, em oitocentos milhões de cruzados, ou trezentos e vinte mil contos de réis. Seria huma pequenina economia com effeito essa que em-

pregasse em capitaes e instrumentos de industria oito centos milhões inutilizados!

O papel-moeda, diz J. B. Say, tem em relação aos metaes preciosos huma saliente vantagem, e he —que effectua as trocas tambem como elles, sendo aliás um instrumento muito menos dispendioso; por tal sorte que uma nação que faz uzo do papel-moeda póde empregar em outros misteres todo o valor dos metaes que suas moedas anteriormente occupassem, não gozando por isso de hum menos excellente intermediario em todas as suas transacções, salvo talvez as mais pequenas.

He este por tanto o grande e quasi irremediavel inconveniente que as moedas apresentam, cumpre sanal-o; e a medicina consiste na admissão do papel-moeda. Desta maneira os salutaes resultados da divisão do trabalho não serão por cousa alguma impicidos, e a sociedade não mais observará a exportação de productos necessarios ou uteis, feita para conseguir-se em troca ouro inutil; o qual será tanto mais necessario no estado actual das cousas, quanto mais vasta fôr em hum paiz a producção, quanto mais urgente fôr a carencia de hum bom intermedio, e quanto mais caro e precioso fôr elle por isso mesmo. A sociedade não irá, como até agora, a mais e mais empobrecendo, pois não mais privar-se-ha progressivamente de valores productivos até o computo da somma, que houvesse de ir sempre empregando em metaes preciosos, para satisfazer a cada vez mais exigente demanda do intermedio moeda. E todas estas vantagens porque?—Porque a invenção do papel-moeda, como Edmonds se exprime, remedeia o mal, substituindo hum meio de permutação que nada custa, a outro que custa talvez a decima ou vigesima parte do trabalho que custam os productos annualmente permutados. A superioridade portanto do papel

sobre a moeda he tão grande, na phrase do economista inglês, quanto o he a superioridade da moeda sobre o primitivo systema das permutações em especie.

Mas talvez me perguntem:—se a moeda tem tantos e tão importantes attributos seus, que acabais ha pouco de expôr, como por um inconveniente, e inconveniente de indole tão particular que o longo habito já tal o não reputa, quereis sujeitar a sorte dos povos ao experimento de hum caminho novo, que talvez esteja erriçado de difficuldades, e rodeiado de precipicios? — Cumpre responder a este quesito formal; e para isso me servirei das bellas doutrinas, e profundos raciocinios que tem occupado os escriptores inglezes, esses escriptores constituidos hoje forçosos panegyristas do papel-moeda.

Começarei dizendo que nenhuma repugnancia encontro para suppôr verificados no papel-moeda os bons resultados, que dimanam do metal amoadado. Com tanto que haja boa fé, e verdadeiro conhecimento das necessidades da circulação, o papel saberá manter-se acreditado no valor em que o quizerem emittir; e bastará para se obter este fim que a quantidade de emissão não exceda ás necessidades da circulação. Quando essa proporção se encontrar verificada, e quando além disso, outro meio não haja de permutação, infallivelmente se sustentará o valor das cedulas, e ellas desempenharão sem duvida a missão que lhes he incumbida.

Garantias, he sobretudo de garantias que o nosso systema necessita, dêem-lh'as, e difficil será depois encontrar razões, que desmereçam sua utilidade e vantagens no conceito dos homens illustrados.

David Ricardo tentou supprir esse *desideratum* da sciencia, procurando por tal maneira garantir o

papel-moeda, que o livrasse do perigo da depreciação, os maiores incontestavelmente, a que está exposto; analysemos pois as 'ideias do' celebre discipulo de Adams Smith, porque dessa maneira responderemos victoriosamente a objecção que se nos faz.

Em 1816 o illustre membro do parlamento inglez propoz hum meio de emitir o papel-moeda, que não tivesse os graves inconvenientes das notas inglezas, nem dos assignados francezes. Consiste este expediente em emitir cedulas realisaveis em barras sempre que o portador o queira: com este methodo diversos fins se conseguirão.—primeiramente obter-se-ha a fixidade e permanencia no valor das cedulas; por quanto, havendo a facilidade de obter em barras de prata o valor que ellas indicam, sempre valerão ellas tanto como as barras; e eis-ahi pois o papel obtendo a grande e principal vantagem, que a principio tinhamos attribuido exclusivamente á moeda. Além disso, como o troco se fará, não em moeda, mas em barras de prata, pelo incommodo que estas produzem, poucos as guardarão, e assim, logo que se estabeleça o equilibrio dos valores, continuará a circulação das cedulas: desta maneira obtem-se com muita superioridade sobre a moeda a inestimavel vantagem da facilidade dos pagamentos, do commodo do transporte e da conservação, vantagens que nesse gráo nunca a moeda alcançará por mais raros, e preciosos que se tornem os metaes. Accresce que tendo o governo o restricto dever de realisar em barras as cedulas, que se lhe apresentarem, ficará inhibido de pôr em circulação quantidade de cedulas superior ás necessidades da mesma circulação, pois que a situação em que a lei o colloca tirar-lhe-ha semelhante desejo; e ainda quando exorbite da necessaria quantidade, o troco destruirá a depreciação, e porá os valores ao nivel huns de outros:—resulta ainda daqui o não poder a adminis-

tração transtornar as relações sociaes; eis por tanto ainda por esta parte identificada a condição da moeda com a do papel.

Verdade seja que o papel assim emittido não he nenhum de tantos que conhecemos, mas só por isso muito confiamos em seus felizes resultados, he por assim dizer, huma instituição nova que ainda não teve vida, que a terá no futuro. O defeito mais notavel do papel-moeda até hoje emittido consiste na impossibilidade do reembolso apenas comece o descredito; e essa ideia grassou tanto, que muito economista deo como característica desta especie de meio permutatorio a falta de hum fundo qualquer que por ella fosse representado na circulação. Definiam, he verdade, o estado misero de alguns paizes, mas não explicavam a theoria economica que póde hum dia talvez alterar geralmente o estado financeiro dos povos. Constituido pois o papel-moeda segundo o plano apresentado terá todas as bondades nas notas do banco, com a differença que o governo será o banco sem probabilidade de quebra, e com a vantagem de não entrar em concurrencia com outro algum numerario circulante; he pois evidente que nunca chegará ao estado dos assignados da França, por que todos sabem que a depreciação dos agentes das transacções da França revolucionaria proveio da enorme quantidade de sua emissão, a ponto de ser o meio circulante mais consideravel vinte tres vezes do que a porção necessaria de numerario, isto he, se todos sabem que esse papel chegou a indicar a somma de 45 milliards 378 milhões de francos (18,231 milhões de cruzados), reconhecem todos tambem que a instituição do papel moeda, da maneira por que a concebemos em tempos calmos, não toleraria de modo algum delirios tão extravagantes, e tão descomunaes arrojós.

Além d'isso nas instituições politicas do paiz se deve encontrar a mais forte garantia do credito publico.

O systema representativo em que he effectiva a responsabilidade ministerial deve desassombrar os animos suspeitosos e desvanecer esse tão grande receio de excessivas emissões. Com effeito todos temem a facilidade que tem o poder de multiplicar as cedulas, desejo natural a que a autoridade difficilmente resiste; mas ainda assim haja rigorosas leis de responsabilidade, empreguem-se todos os meios apropriados para tornar difficeis essas extraordinarias emissões, organisem-se tribunaes que presidam a todas essas transacções, e, como lembra Ricardo, que sejam independentes do governo e sujeitos sómente ao corpo legislativo, e estamos certos que tantos meios combinados com a opposição e publicidade—indispensaveis elementos do governo representativo—afugentarão grande parte dos males que tanto temem as almas escrupulosas. Quanto mais que exemplos ha de corpos publicos que exercem neste genero funcções delicadas sem prejuizo nacional! Os fundos da amortisação são administrados em Inglaterra por commissarios só responsaveis ao parlamento, e a maior regularidade tem presidido a esse trabalho; por que não poderia ser a emissão do papel encarregada tambem a uma igual administração?

Não quero, nem posso expôr um systema capaz de supprir todas as faltas e fazer face a todas as objecções; aponto só o que entendo necessario para defender huma causa que julgo ligada a dos progressos da industria de todos os povos. Consideremos agora alguns outros obstaculos que habeis escriptores tem encontrado á realisação das ideias de David Ricardo.

O mais notavel he o perigo da falsificação e contrafacção. J. B. Say da-lhe summa importancia e eu,

ainda que o queira, não posso dissimular os riscos a que dest'arte se vê a sociedade exposta. Bem vejo que a falsificação também se dá a respeito da moeda, mas também conheço, e bem fácil he conhecê-lo, que que muito maior cobiça excita o lucro que promette huma nota falsa, a qual pode ser de grande valor e se demanda por gastos papel, tinta, e habilidade, do que ess'outra que teria por fim falsificar moedas que menor lucro promettem, e muito mais valiosos empregos exigem. Todavia entendo que hum systema de substituição periódica que certamente não seria dispendiosa, e que para maior segurança poderia ser em prazos variaveis, muitas falsificações preveniria, ajudado como devera ser de todas as uteis precauções que se tomam para mais difficultar o arremedo do papel, da estampa, e das assignaturas. Nós temos no nosso novo papel-moeda clara demonstração da quasi impossibilidade que ha em alterar de hum para outro o valor das cedulas; trabalha-se por aperfeiçoar esse producto, e pôde ser que se consiga, quando não impossibilidade da falsificação ao menos difficultade tal que exija consideraveis riquezas, o apparelho e o trem de machinas complicadas que poucos possam obter e menos ainda reter e occultar em segurança. Nestas periodidas substituições poder-se-hia lançar fóra todo papel falsificado que fosse encontrado; d'est'arte conseguir-se-hia dar sempre á população a certeza de que se alguma falsificação ha essa não remonta além de hum termo bem impresso em sua memoria.

Assim desvanecer-se-hia esse escrupulo e antipathia que guarda a população a quaesquer papeis fiduciarios, obstaculo que também apontam alguns como hum perigo a que cumpre attender na adopção do papel-moeda. Além da necessidade que ella terá de empregal-o como hum unico meio de permutação,

muitas cautelas se poderão tomar para dissipar-lhe os receios, e entre ellas avultarão as penas rigorosas e infalliveis que se imponham aos falsificadores de moeda e todos os mais recursos legaes e policiaes de que póde e deve usar em taes circumstancias hum governo forte e bem organizado.

Temem tambem alguns a guerra civil ou a invasão estrangeira como hum obstaculo ao papel-moeda; para responder a essa supposta difficuldade traduzirei algumas linhas do excellento compendio de Mill. «No estado de adiantamento, diz elle, em que se acha hoje a civilisação, ha em todo o paiz que tem hum bom governo, e huma população consideravel, tão poucas vicissitudes de guerra civil ou invasão estrangeira, que procurando os meios proprios para assegurar a felicidade nacional não devem ter-se em conta successos taes. Adoptar hum modo de obrar desvantajoso em todos os tempos, excepto nos de guerra civil e invasão estrangeira só por que seria proveitoso n'essas occasiões, he tão absurdo como querer em medicina sujeitar continuamente os homens ao regimen dietetico que conviria a huma febre violenta. Se as vantagens que resultam do papel moeda, continua o escriptor inglez, são 'taes que dellas, sem diminuição consideravel se possa gozar em todos os tempos, excepto nos de guerra civil e invasão estrangeira, a utilidade do papel moeda está sufficientemente demonstrada. Ainda mais quando mesmo por tempos de perturbação fosse de mister alterar o emprego dos bons principios não sei que fosse util a circulação dos metaes, pois sabido he que em circumstancias taes a tendencia mais manifesta he a de enthesourar, e todos conhecem de quantas funestas consequencias he muitas vezes susceptivel esse facto, alias tão natural e obvio. Supponhamos que o meio circulante fosse metalico, e que se não houvesse ainda

lançadò mão do papel-moeda, e de qualquer outro representante fiduciario,—pergunto, faltaria ao invasor a faculdade de emittir papel quando exauridos ou occultos estivessem os recursos metallicos? Certo que ninguem o negará: onde estão pois os grandes inconvenientes do papel moeda que Sismondi tanto exaggera e hyperbolisa? Onde? Onde está o interesse que induzirá o invasor a querer depreciar o meio circulante de hum paiz que domina, do qual tira muitos de seus meios de ataque, e em que deve pelo contrario por proprio proveito augmentar todas as potencias productivas? Ou eu não os comprehendo, ou muito pouca razão ha n'isso que vozeiam e apregoam.

Hum factò observo eu que he terminante e poderoso. Vejo com as guerras civis, com as invasões estrangeiras muito paiz que não conhecia na circulação papel-moeda, nem outros signaes de valores, perder sua moeda, e achar-se a braços com as difficuldades que provém do abuso do credito, sem lhe haverem valido as salvadoras garantias da moeda metalica; vejo igualmente outros em que o papel circula que, segundo o judicioso reparo de Mill, em presença de exercitos inimigos e no meio de convulsões intestinas tem bem pouco soffrido no seu meio de circulação, embora mediocres e mesmo fracas hajam sido as garantias do papel. Eis-ahi pois consequencias que a experiencia deduz para desabonar os aferrados panegyristas da moeda, e que bem quizera ver explicadas satisfactoriamente. Sem duvida neste ou naquella paiz, nesta ou naquella circumstancia, o papel-moeda póde ter occasionado males, mas creio que o arbitrario não escolhe meios nem circumstancias, obra conforme entende, e segundo as leis da actual necessidade. As ilhas britannicas tinham moeda em circulação, e todavia o governo soube e teve meios de contrahir

essa enorme divida interna que assombra a imaginação, e zomba de todos os esforços para aniquilal-a constantemente empregados; a França tinha na administração de Necker dous milliards e duzentos milhões de lb. *Tournaises*, quantidade sufficiente para suas transacções, e não obstante isso os assignados subiram a essa avaliação espantosa que aterrorisa quando nella se contempla; nós tinhamos tambem sufficiente numerario circulante, e estamos hoje submergidos n'humas inundações do papel moeda; assim estão nossos visinhos das republicas meridionaes, assim estão a mór parte dos povos europeos; são factos estes communs que Ferrier não quiz observar, ou ao menos mencionar: se pois os governos usam, usarão sempre, e ninguem lhes póde ir a mão na emissão do papel moeda, sem a sociedade lucrare e deduzir todos os bens possiveis, faça-se hoje em beneficio dos povos o que a auctoridade tem feito para seu proveito, e peçam-se á civilisação, ás instituições, á liberdade, e á opinião a confirmação dos votos da sciencia por meio de todas as garantias que as luzes do seculo podem desenvolver e sufficientemente generalisar.

Muito mais poderia dizer em abono do papel-moeda, poderia perguntar a Ferrier e a Sismondi se os antigos bancos, se o antigo papel-moeda tinham as garantias que então não eram possiveis e que hoje tão facilmente se podem dar; poderia perguntar-lhes se o maior mal que temem não he a superabundante emissão de cedulas; se no tempo em que o celebre Escosseze Law perturbou as finanças da França não foi porque os erros—partilha do homem;—que Law commetteo, não haviam sido pesados por huma discussão illustrada que hoje podia ter lugar? Mas não entrarei em todas essas minuciosidades, nem fatigarvos-hei a attenção expondo e decidindo em succinto

opusculo todas as diversas doutrinas e questões que suscitar se pôdem em materia tão vasta, que tão proximamente affecta os interesses mais caros da politica e da industria. Nem o curto espaço de tempo junto á diminuta experiencia da idade e á fraqueza do engenho consente largo vôo em tão elevada esphera intellectual.

Huma questão com tudo ainda resta que ventilar, a saber, se deve pertencer ao governo, a hum banco nacional, ou a diversos bancos particulares a faculdade de emittir papel-moeda. Todos estes methodos apresentam convenientes, todos encerram difficuldades. Os Estados Unidos e a Escossia tem seus bancos particulares, a Inglaterra e a França, além destes, tem hum banco nacional, entre nós, além da emissão feita pelo banco do Brasil, hoje reconhecido como moeda-papel, as cédulas e o cobre (verdadeiro papel-moeda) correm em nome do governo. He preciso escolher e indagar a qual systema cumpre dar a preferencia.

Eu darei com David Ricardo ao governo a preferencia nesta escolha com tanto que se proceda da maneira exposta antecedentemente, e sou a isso induzido por huma argumentação do mesmo David Ricardo. Como me não foi possivei obter e por isso ler por inteiro a Memoria que sobre tal assumpto escreveu elle em 1816, não sei quaes são as reflexões que o economista apresentou em seu memoravel escripto; recorrerei portanto ao que se acha expellido nos seus principios de economia politica. A ideia do escriptor inglêz é esta:—se o governo emittir cria huma divida, mas huma divida sem juro; se o Banco emittir, e o governò necessitar de huma porção, apparece igualmente a divida, mas divida com juro. No primeiro caso, paga a divida, subtrahese a cor-

respondente quantia, no segundo caso está a nação sujeita a impostos para pagamento dos juros em quanto ella durar. Acho pois que o governo deve ser o encarregado da emissão. Quanto mais que a emissão por via de hum banco nacional não tem no caso actual razão alguma especialmente justificativa, tinha-a quando os bancos começaram a distribuir por via de seus creditos para a melhor circulação do meio permutante, porém hoje querendo-se constituir a sociedade no ponto de ser circulante sómente o papel-moeda, não he necessaria a intervenção das companhias de commercio: além disso a interferencia da autoridade administractiva na organização e direcção do banco foi sempre considerada como hum defeituoso precedente e mal agoreiro presupposto. Ahi está Pitt, governando a nação e o banco; e o banco inglez multiplicando portentosamente o nominal de seus fundos, e fazendo estremecer em suas bases a monarquia britanica. Essa influencia não será hoje perigosa, se com leis, com instituições bem fiscalizados pelos representantes do povo se pozerem peias a ambição desastrosa dos ministros; mas se assim acontecer, nenhuma razão especial tambem haverá para que o banco faça a emissão.—A grande vantagem será que desta maneira huma porção consideravel da divida publica não pagará juro algum.

Os bancos particulares tem suas vantagens bem notaveis; como admittem concorrência estão longe de depreciarem seus fundos, antes observar-se-hão huns aos outros com cautela, e denunciarão reciprocamente ao publico vicios e erros de sua instituição, além disso como emittem notas para um circulo pequeno difficultarão a falsificação e poderão sobre tudo receber austeros regulamentos dos poderes supremos do estado. Mas ainda assim não sei que falta de authenticidade nessas emissões encontro que antes quizera o governo,

se fôr possível sujeita-lo á infallivel uniformidade do que quantos bancos possam apparecer.

Em fim ainda huma duvida apparece que está ligada á presente questão, a saber, de que modo se fará a verificação das permutações mais simples no mercado? As notas não podem descer a tão minuciosos pormenores da permutação; cumpre que outro meio haja de facilitar os trocos das menos valiosas cedulas, e de adoptar fracções de moeda ás pequeninas transações do mercado. Para conseguimento deste resultado basta o cobre; e sendo essa moeda introduzida sem profusão e excesso na circulação, é ao mesmo tempo sem risco de ser falsificada, certo que desempenhará seu fim sobre tudo se huma lei marcar a maxima quantia a que poderá chegar qualquer pagamento nesta especie. Dadas todas estas seguranças, o cobre não estabelecerá desequilibrio na circulação, pois bastará para desvanecel-o que as estações publicas dem o exemplo da não recepção de quantia maior do que o maximo marcado na lei.

Eis ahi as ideias que julguei necessario expendere; da exposição se conhece quão fraco he meu pensamento nestas materias. Algumas applicações quizera fazer ao estado actual de nossa terra, mas a tanto não me atrevo. Façam outros por si o que eu ainda não posso, que temerario fôra sahir da região theorica em que tantos auxilios me são dados pelos livros, para caminhar por mim só em estrada em que só o proprio discernimento, quando claro e justo, pôde ser mestre e conductor perito.

Tendo chegado ao fim de meu empenho, resumirei agora as minhas ideias.

A divisão do trabalho tornando maior a produção exige a criação de hum meio permutatorio, e a

criação desse meio torna maior a produção: assim quanto maior produção, tanto maior necessidade de mais consideravel meio circulante.

O meio circulante póde consistir em metaes preciosos com valor intrinseco, ou em papel representante de valores.

Os metaes preciosos tem as vantagens todas que a moeda requer, excepto as de commodo transporte e contabilidade - mas então sujeitos a hum inconveniente da mais alta importancia, a que cumpre attender.

Esse inconveniente consiste no custo enorme dos metaes preciosos necesarios para o fabrico da moeda; este grande preço e a estagnação de tantos valores que se lhe segue impecem a produção e destroem alguns effeitos possiveis da divisão do trabalho.

O papel-moeda remedeia esse inconveniente. Mas he sujeito a muitas difficuldades que as instituições e os progressos da sciencia poderão remediar.

Muitos dos baldões que se lhe assacam são fantasticos, e provém dos males que podem ter produzido outros papeis-moeda sem garantia.

Se fôr possivel dar ao papel tantas garantias que o livrem inteiramente da falsificação e das más influencias do governo, esse meio permutatorio deverá ser a todos preferido, por ser o que mais preenche seu fim, e por ser aquelle que hoje encerra em si o mais esperançoso germen de prosperidade, principalmente para os povos velhos, ou para aquelles que cultivam o commercio em larga escalla.

As instituições livres que tanto tem melhorado o regimen das nações; a civilização e a industria que vão difficultando as guerras e os abalos violentos dos

povos, parecem prometter ao mundo da illustração moderna este melhoramento que tanto contribuirá para seu ulterior progresso.

São Paulo, 15 de outubro de 1835.

DR. FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO (*).

(*) O dr. Francisco Bernardino Ribeiro, filho de Francisco das Chagas Ribeiro e de d. Bernardina Rosa Ribeiro, nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 12 de Julho de 1815. Recebeu o grau de bacharel em direito, na Faculdade de S. Paulo, em Outubro de 1834; defendeu theses para doutoramento no dia 26 de Abril de 1835 e, approvado, recebeu o grau de doutor a 12 de Maio desse anno. Nomeado lente substituto em 1836 veiu a fallecer no Rio de Janeiro a 15 de Julho de 1837.

Durante o seu curso academico, fez parte da Sociedade Philomatica, em cuja revista publicou varios trabalhos literarios, sobresahindo entre essas o intitulado—*Ensaio sobre a Tragedia*, escripto de collaboração com os seus collegas Queiroga e J. J. da Rocha. Traduziu do hespanhol—*As Noites lugubres* de Cadalso, trabalho que foi publicado em 1844, na *Minerva Braziliense*.

De suas producções juridicas, existem apenas a *Dissertação* que acima publicamos, e a *Licção Inaugural* do curso de Direito Criminal, que professou na Faculdade, e que será reproduzido na nossa revista do anno subseqüente.